

Um trabalhador do rádio: a contribuição de Amaral Gurgel para o rádio brasileiro

Un trabajador radiofónico: la contribución de Amaral Gurgel a la radio brasileña

A worker of radio: Amaral Gurgel's contribution to Brazilian radio

GUILHERME DO AMARAL GURGEL¹, SÉRGIO LUIZ PEREIRA DA SILVA²

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir a contribuição do produtor de cultura popular Amaral Gurgel no desenvolvimento da radionovela e do radioteatro enquanto formatos de melodrama. Como novidade, apresenta seu acervo pessoal até então inacessível a pesquisadores. Qual papel Gurgel desempenhou na construção e legitimação desses formatos narrativos? Quais informações o acervo familiar pode trazer a respeito desse processo?

Palavra-chave: Rádio; Novelas; Acervo

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir el aporte del productor de cultura popular Amaral Gurgel en el desarrollo de las radionovelas y el radioteatro como formatos de melodrama. Como novedad, presenta su colección personal, hasta ahora inaccesible a los investigadores. ¿Qué papel jugó Gurgel en la construcción y legitimación de estos formatos narrativos? ¿Qué información puede aportar el archivo familiar sobre este proceso?

¹ Doutorando em História, Política e Bens Culturais na Fundação Getúlio Vargas (FGV), mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisa acervos pessoais e cultura popular, com enfoque em radionovelas. Trabalha no acervo do Centro Técnico Audiovisual -CTAv/ MinC. Email: guilherme.agurgel@gmail.com

² Sociólogo e Fotógrafo, possui graduação em Ciências Sociais, com bacharelado cursado na Universidade Federal de Pernambuco -UFPE (1994), possui mestrado em Sociologia também pela UFPE (1997) e Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2003). Atualmente é professor Associado III da Faculdade de Ciências Sociais - FCS e do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Email: slps2@uol.com.br

Palabras clave: Radio; Novelas; Colección

Abstract: This article discusses the contribution of popular culture producer Amaral Gurgel in the development of radio soap operas and radio theater as melodrama formats. It presents Gurgel's personal collection, previously inaccessible to researchers. What role did he play in the construction of these narrative formats? What information can the family archive provide regarding this process?

Keywords: Radio, Soap operas; Archive

Introdução

Francisco Ignácio do Amaral Gurgel produziu dezenas de obras para o teatro, rádio e televisão entre as décadas de 1930 e 1980, tendo maior destaque como radionovelistas nas rádios Nacional e Globo entre os anos 1940 e 1950. Seu acervo pessoal, em posse de sua família até os dias atuais, contém roteiros de obras radiofônicas, cartas, documentos oficiais, livros e outros materiais, servindo como base para discutir o desenvolvimento dos setores e gêneros com os quais Gurgel trabalhou. Este artigo foca no melodrama em dois de seus formatos radiofônicos, conhecidos como radionovela e radioteatro.

A carreira e o legado de Gurgel serão encarados a partir da perspectiva do rádio enquanto meio privilegiado de produção e veiculação de cultura popular, sendo a trajetória de vida do produtor bastante comum entre profissionais do meio: pessoas de origem pobre, que produziram um enorme volume de obras, que alcançaram grande sucesso de público entre as classes trabalhadoras e que cultivaram uma relação ambígua com a crítica especializada, sendo ora exaltados, ora classificados como “subliteratura”.

Imagem 1: acervo da família Amaral Gurgel, 2023 (Rio de Janeiro).



Fonte: O autor.

Metodologia

O depoimento concedido por Gurgel em 1976, na ocasião do aniversário de quarenta anos da Rádio Nacional, foi a base para montar um esboço de sua trajetória de vida. Ainda que possa apresentar algumas imprecisões, o relato é importante para localizar cada evento em uma cronologia. A partir disso, empreendi uma pesquisa em fontes primárias, sendo elas: periódicos da época, relatos de familiares de Gurgel e os materiais presentes no acervo familiar e em outros arquivos.

Quanto aos periódicos, acessados por meio da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, foram priorizadas publicações da cidade do Rio de Janeiro, onde o artista viveu a maior parte de sua vida, que tivessem editoria especializada em rádio, como a Radiolândia, a Revista do Rádio, a Fon-Fon, a Cena Muda e o jornal A Noite.

Por relatos familiares, compreende-se o livro de memórias *Da Locomotiva À Máquina de Escrever*, lançado pelo filho e pelo neto do escritor em 2018, e os relatos orais que me foram transmitidos durante o trabalho com o acervo. Obviamente, esses textos de memória foram usados mais como pistas para pesquisas do que como fontes historicamente confiáveis.

O Arquivo da Rádio Nacional, localizado no Rio de Janeiro, enviou-me uma lista de roteiros de Amaral Gurgel em sua guarda e me ajudou com várias dúvidas. Já o MIS-RJ realizou um levantamento sobre o produtor em sua base de dados e me forneceu algumas informações sobre seu acervo. O contato com essas instituições foi fundamental para localizar a origem e as relações entre os materiais em posse da família e a história das instituições em que Gurgel trabalhou.

Por fim, quanto à bibliografia, selecionei algumas pesquisas sobre o rádio brasileiro com certa amplitude temporal para analisar, ainda que sucintamente, alguns discursos produzidos a respeito da radionovela e do radioteatro como gêneros melodramáticos, em especial O Rádio na Sintonia do Tempo, de Lia Calabre, Mistério no Ar, de Camila Koshiba Gonçalves, e Por Trás das Ondas da Rádio Nacional, de Miriam Goldfeder. O livro Rádio Nacional: O Brasil em Sintonia, de Carlos Saroldi, foi importante para entender a história do enorme acervo da emissora.

Primeiros anos

Francisco Ignácio do Amaral Gurgel nasceu em 24 de janeiro de 1910 em Araraquara. No depoimento, conta ter perdido o pai aos oito anos de idade por gripe espanhola, forçando-o a abandonar os estudos para trabalhar. No início dos anos 1930, teria começado a publicar sonetos e artigos nas colunas sociais do jornal O Imparcial, de Araraquara, sob o pseudônimo Duke.

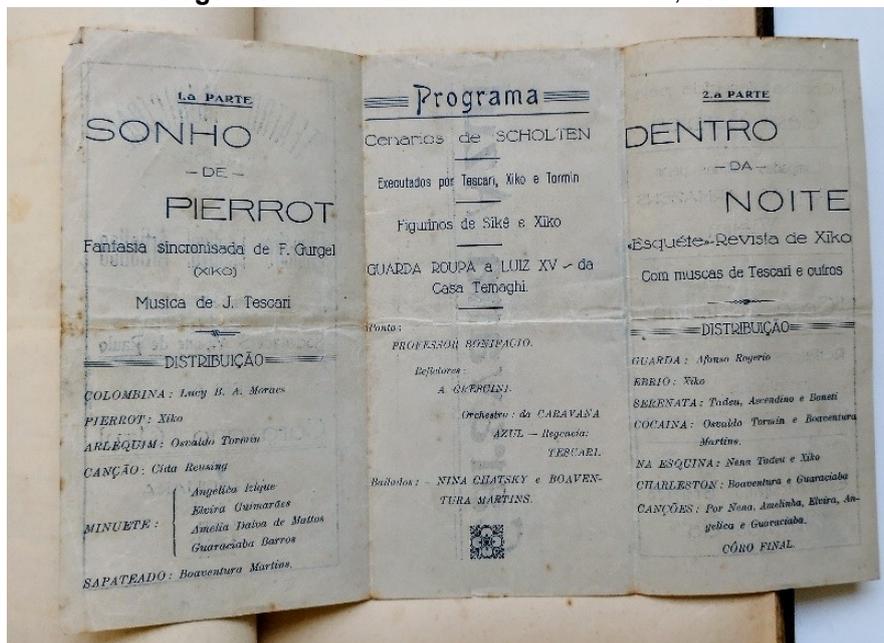
Ali teria conhecido o maestro José Tescari, que viria a musicar a primeira peça de Gurgel em 1931. Nesse ano é montada a companhia de teatro amador Caravana Azul, estreando com “Sonho de Pierrot”, de Gurgel, no Teatro Municipal de Araraquara. Na montagem, ele relata ter conhecido Amélia D’Alva de Mattos, que atuou como minuete, com quem viria a se casar em 1937.

Imagem 2: Panfleto Caravana Azul - capa, 1931.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Imagem 3: Panfleto Caravana Azul - interior, 1931.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Em 1933, Gurgel ingressaria na incipiente PRD-4 Rádio Cultura de Araraquara. Ele diz “Ali eu era repórter, locutor, um pouco de tudo” (GURGEL, 1976). Destaco esse trecho por jogar luz sobre o funcionamento um tanto amador da emissora no período, diferente da setorização que o rádio testemunharia nas décadas seguintes. Uma reportagem de Helio Tys na

revista Radiolândia, em 1954, traz um relato interessante do primeiro envolvimento de Gurgel com o teatro e sua aproximação com o rádio:

[...] Em 1923, menino ainda, assiste, num teatro, a “Manhãs de Sol”, de Oduvaldo Viana, e descobre sua vocação: o teatro. [...] Mas é preciso ganhar a vida. Quer ser profissional do teatro. Não pode. Os tempos são difíceis. Tão difíceis que embrulha seus sonhos e os guarda “pra quando o tempo mudar”. Dez anos depois, vem a primeira chance real: Araraquara inaugura uma emissora, a P.R.D-4, e lá está Francisco Inácio como locutor apenas, mas já é uma função artística remunerada. (TYS, 1954, p.18)

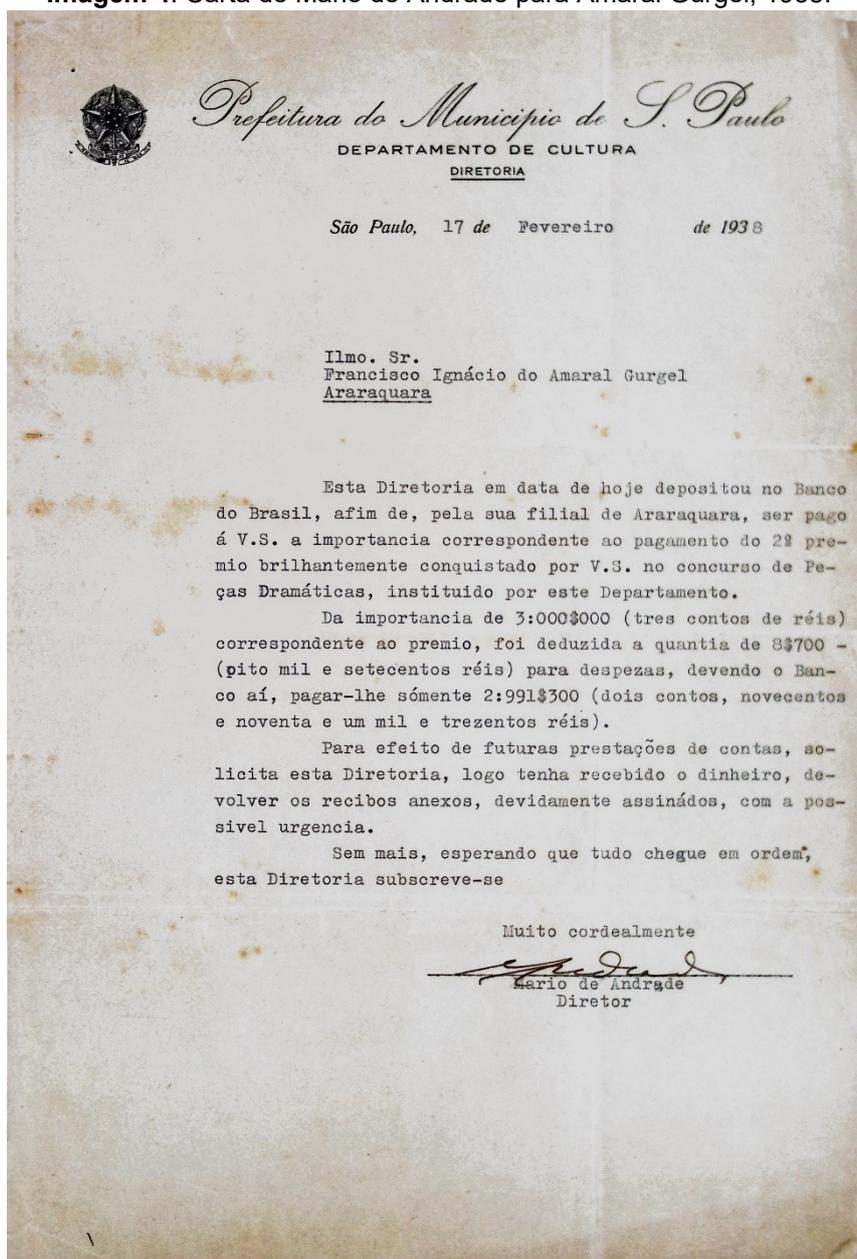
E mais à frente prossegue:

E é então que voltam os sonhos guardados há muitos anos. Já que não podia fazer teatro, cria o radioteatro em Araraquara. Sem saber, criara um problema muito sério: tinha que ensaiar e dirigir. Trabalhar com amadores. E, mais ainda, precisava adaptar peças pro rádio-teatro. Uma das primeiras foi aquela “Manhãs de Sol” de Oduvaldo Viana, que, menino ainda, torcera seu destino. (TYS, 1954, p.18)

Essa reportagem é interessante por apresentar a escolha pelo rádio como um caminho possível para o jovem de pouca instrução e origem pobre viver de dramaturgia. Tal motivação ressurgiu diversas vezes em suas elaborações de memória e é bastante recorrente entre os profissionais do rádio daqueles anos. O rádio era frequentemente apontado como um meio de ascensão econômica, sendo isso também tido como justificativa para muitos que desgostavam dele. Para esses, o rádio seria ambiente de aproveitadores que, sem talentos, ganhariam a vida enganando o público. Veremos essas contradições mais à frente.

Em 1936, o Departamento de Cultura do Município de São Paulo, sob direção de Mario de Andrade, premia uma peça de Gurgel chamada Terra Bendita em um concurso de peças teatrais. A obra é publicada no ano seguinte, com o pseudônimo Assis Machado usado pelo autor, e encenada pela Companhia Procópio Ferreira.

Imagem 4: Carta de Mario de Andrade para Amaral Gurgel, 1938.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Em 6 de Janeiro de 1939, o programa Teatro em Casa, da Rádio Nacional, transmite uma adaptação de Terra Bendita. Começa a partir de então uma aproximação entre Gurgel e a empresa. Nos meses seguintes, mais três peças são encomendadas: Não Julgueis, Trapézios Volantes e Os Transviados.

Radioteatro e radionovela

Renato Murce localiza entre os anos de 1926 e 1927 o começo da conquista dos lares brasileiros pelo rádio graças ao barateamento dos aparelhos receptores e ao surgimento de novas emissoras em decorrência da primeira regulamentação do setor em 1924. Nesse primeiro momento, a maior parte das emissoras funciona em regime de rádio-sociedade, com apoiadores pagando cotas para o funcionamento e cedendo materiais e mão de obra. Em 1931, Vargas regulamenta a publicidade no rádio e isso é decisivo para impulsioná-lo.

A Rádio Nacional, fundada como rádio-sociedade em 1936, foi incorporada ao Estado por Vargas por meio do Decreto 2073 de 08 de março de 1940. Em um contexto de Estado Novo, a emissora se insere em um projeto de integração nacional e de comunicação do governo com a população.

Trago esse breve resumo histórico para apontar os projetos comerciais e políticos em que o rádio se inseria quando Gurgel ingressa na Nacional. Não foi por acaso que os gêneros melodramáticos ganharam um enorme impulso nessa virada dos anos 1930 para 1940, contando inclusive com investimento estatal. Era de interesse do Estado que o público ouvisse e se identificasse com a emissora e para isso fez-se uso massivo do trabalho de músicos, atores, escritores, humoristas e outros trabalhadores que indicassem essa capacidade de se comunicar, principalmente com as camadas mais pobres da população.

A origem pobre de Gurgel, conforme apontado, era recorrentemente lembrada por ele como uma das motivações para a escolha do rádio como meio de trabalho. Levanto a hipótese de que o inverso também tenha ocorrido, o rádio parece ter se beneficiado muito da contratação de profissionais oriundos das artes populares (o teatro de rua, o samba, o baião etc.), com a finalidade de atender a seus próprios projetos. Ao observar outros artistas que começaram no rádio ou que passaram por ele nesse período, notamos que uma grande parte veio de origens sociais semelhantes à de Gurgel, tanto entre outros escritores como Hélio do Soveral e Berliet Júnior, quanto entre cantores como Luiz Gonzaga e Elza Soares. Em suma, parece-me que o rádio era em certa medida um meio pelo qual pessoas de origem pobre produziam cultura popular, voltada para grandes massas de trabalhadores no país. E, nesse sentido, não podemos deixar de notar a aversão de uma crítica intelectualizada como mais um sintoma desse jogo.

O melodrama era uma das principais linguagens desse universo, o seu desenvolvimento como radioteatro e radionovela tem origens no folhetim, na literatura popular e no teatro de rua. Origem essa que não se trata apenas de uma inspiração, em grande parte foram os mesmos autores que migraram desses outros formatos para o rádio nos anos 1930 e 1940, como é o caso de Gurgel.

Em uma bibliografia mais tradicional, convém-se tratar “Em Busca da Felicidade” como a primeira radionovela transmitida no país, adaptada do original cubano por Gilberto Martins em 1941 para a Nacional. Porém, bem antes disso já se constata experiências de dramaturgia radiofônica serializada. O que se pode afirmar é que quando Em Busca da Felicidade estreou, o radioteatro já era bastante popular entre os ouvintes, em especial com obras policiais. Camila Koshiba Gonçalves aponta:

Cronologicamente, o radioteatro precedeu a radionovela em mais de uma década, se levarmos em conta os depoimentos de radialistas que consideram os primeiros esquetes curtos como peças de radioteatro, em fins dos anos 1920 e início de 1930, e o lançamento de Em Busca da Felicidade, em junho de 1941. Em geral, acredita-se que a diferença entre radioteatro e radionovela é o fato de que o primeiro tem episódios mais ou menos independentes, como os seriados, ou com uma trama que se resolve em alguns poucos capítulos, ao passo que a segunda é formada por capítulos que se sucedem por longo tempo. Como o leitor verá, para fins desta pesquisa, iremos considerar a radionovela como um formato possível de radioteatro. (GONÇALVES, 2019, p. 16)

O termo “radioteatro” começa a aparecer com frequência já na virada de 1929 para 1930. Os programas “João Timbira em Redor do Brasil”, “As Aventuras de Frank Vernon” e o quadro “Policia Vassalo”, no Programa Luís Vassalo, todos de Gurgel, já eram anunciados em 1940 e parece tratar-se de ficções radiofônicas com capítulos mais ou menos independentes. O que talvez ainda não fosse constatável era o conteúdo propriamente melodramático que definiria a radionovela como gênero.

Mesmo assim, aponto aqui a necessidade de sempre desconfiar desses marcos históricos. Em primeiro lugar, percebe-se uma visão teleológica do desenvolvimento do gênero, como se o radioteatro fosse uma espécie de “pré-radionovela”, visão essa que Camila Koshiba Gonçalves é muito habilidosa em desconstruir. Em segundo lugar, há nessas pesquisas um foco muito restrito ao eixo Rio-São Paulo e percebo uma ausência de olhares para experiências de melodrama radiofônico realizadas em outras regiões do país.

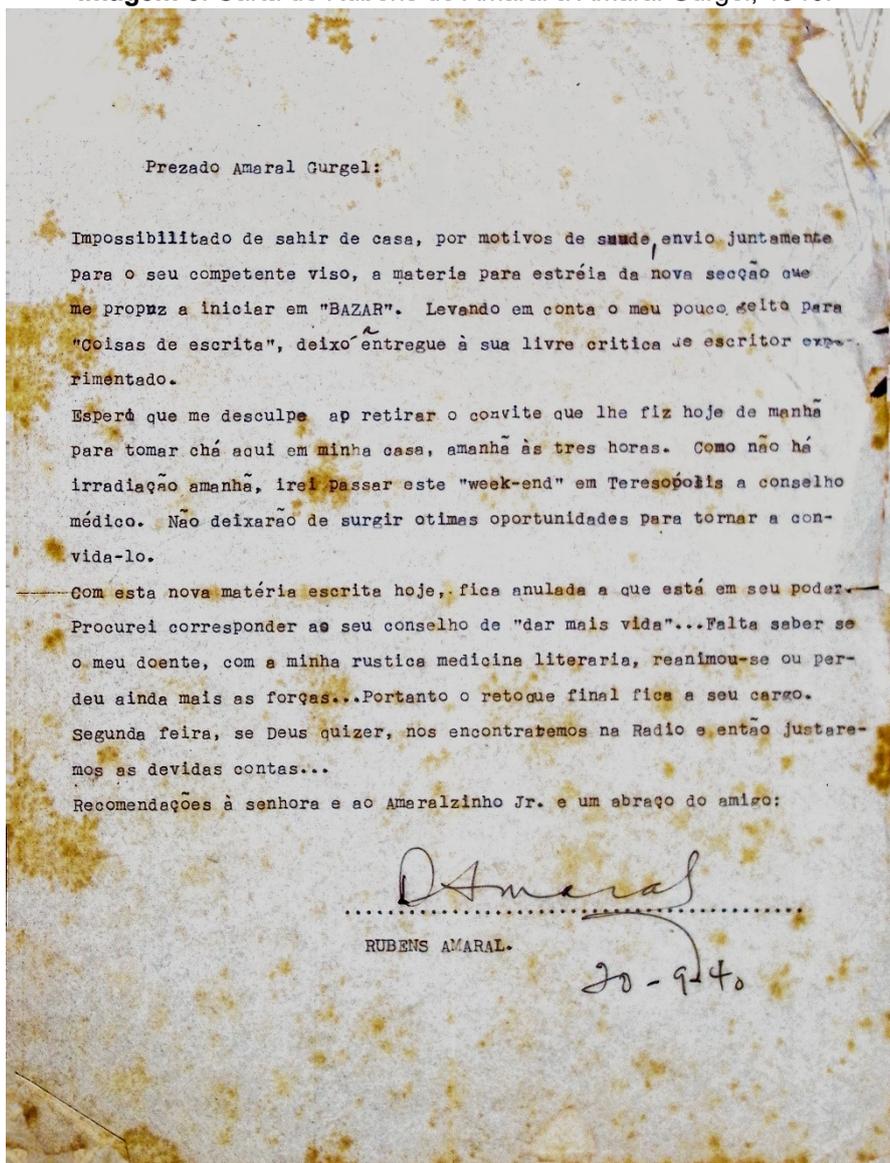
Abordemos essas três obras de Gurgel anteriores à “Em Busca da Felicidade”. João Timbira em Redor do Brasil era baseada em uma série de gibis populares na época, de autoria de Acquarone. Os jornais trazem essa

informação seguida pela frase “animada por Amaral Gurgel”, o que talvez signifique que eram lidas por ele ao microfone. Já As Aventuras de Frank Vernon é mais confusa. Na edição do jornal “A Noite” de 18 de dezembro de 1940, há um anúncio da atração, ou talvez uma primeira versão dela, chamada “A Volta de Frank Vernon”, em que é descrita como uma continuação da peça “O Homem Que Perdeu o Olfato” em uma série de capítulos. Ou seja, já temos algumas das características que definiriam as radionovelas futuramente, como a serialização e o emprego de atores.

Por fim, Policial Vassalo era uma série de radioteatro policial escrita como quadro do Programa Luiz Vassalo. É notável o intercâmbio do radioteatro nesse período com obras em outros formatos, duas dessas obras de Gurgel podem ser conectadas com a literatura popular (o gibi e os livros de suspense policial) e uma parece ter vindo diretamente de uma peça de teatro sua.

Antes da estreia de 1941, Oduvaldo Vianna já escrevia radionovelas em Buenos Aires, porém a ideia de fazer o mesmo aqui sofria grande resistência pela direção da Nacional. Gurgel teria insistido para a emissora autorizá-lo a escrever radionovelas, sem lograr sucesso. Diante do veto, ele começaria a ler romances no horário da programação que lhe foi dado, embora os detalhes sejam um tanto confusos. Gurgel diz que recebeu o horário entre 9h e 11h para uma atração chamada Bazar, citada nos jornais apenas em datas posteriores e em uma carta assinada por Rubens Amaral encontrada no acervo familiar.

Imagem 5: Carta de Rubens do Amaral a Amaral Gurgel, 1940.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Com o sucesso de *Em Busca da Felicidade*, na qual Gurgel atuou, as emissoras correm para produzir suas próprias radionovelas. Já em 1941 a Rádio São Paulo lança "Fatalidade", de Oduvaldo Vianna, "a primeira radionovela criada no Brasil" (FREIRE, 2011, p. 456).

Segundo Renato Ortiz, a origem das radionovelas encontra-se na adaptação das soap-operas, surgidas nos Estados Unidos na década de trinta, concebidas originalmente como um veículo de propaganda das fábricas de sabão e depois adaptadas aos interesses folhetinescos das mulheres latino-americanas. Cuba foi o país pioneiro nas experiências do novo gênero - a primeira radionovela cubana é de 1931, seguida pela Argentina em 1935. O crítico cubano Reynaldo González afirma que a crise econômica de 1929 contribuiu para o êxodo de muitos dos artistas do teatro para o rádio, permitindo um rápido aumento da programação e da qualidade do que era transmitido - tanto do ponto de vista dos textos quanto da representação dramática. (CALABRE, 1996, p. 128)

Conforme já apontado, o gênero passa a contar com grande rejeição entre a elite intelectual brasileira da época:

No Brasil, as novelas radiofônicas sempre despertaram a ira dos intelectuais, apesar das várias adaptações de clássicos da literatura para transmissão radiofônica. Em junho de 1947, A Noite Ilustrada, publicou o resultado de uma pesquisa sobre as novelas e a intelectualidade mineira. A apreciação do poeta Alphonsus de Guimaraes sobre a novela radiofônica foi a seguinte: Ela não é somente uma contrafação da realidade, penetrada de um falso romanesco. Pela sua linguagem, pelas situações que explora, só pode mesmo contribuir para empobrecer o nosso já pobre nível cultural. (CALABRE, 2002, p. 134)

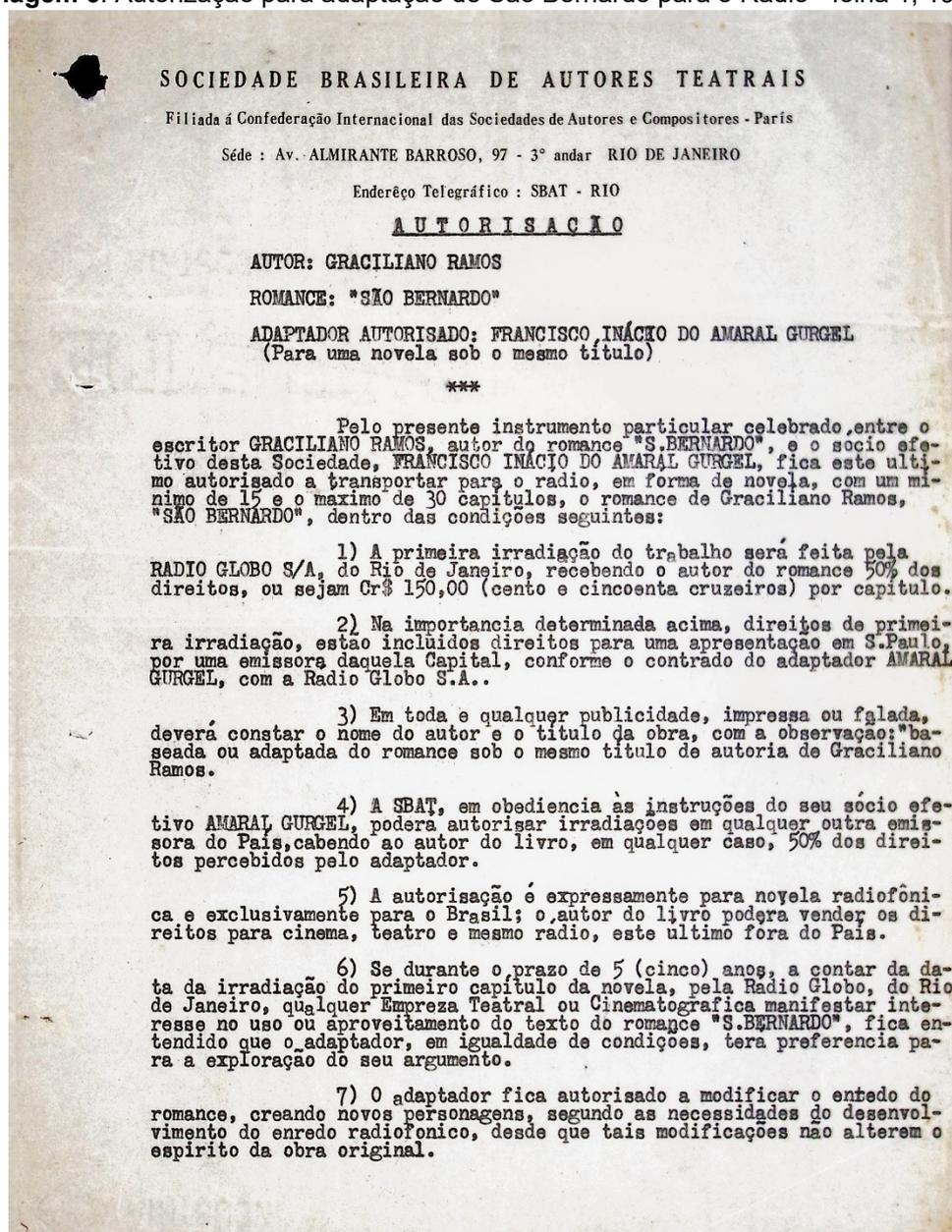
Em 1942, a Nacional encomenda a Gurgel a novela Gente de Circo, estreando no mês de maio. Rapidamente, o gênero se torna o ponto forte da emissora na guerra por audiência. Em 1943, três radionovelas de Gurgel fizeram grande sucesso: Três Vidas, A Outra e Penumbra. Esta última foi anunciada como adaptação cinematográfica pela produtora Atlântida em 1947, porém o projeto acabou não se concretizando. Em 1944 Gurgel escreve “Ternura”, que se destacou por sua música tema, originalmente gravada por Francisco Alves e, posteriormente, interpretada por Cauby Peixoto na retransmissão em 1972. No mesmo ano de 1944, Gurgel deixa a nacional em migração para a recém fundada Rádio Globo, a convite de Gagliano Neto.

Para além do rádio, um roteirista

A Rádio Globo AM do Rio de Janeiro foi fundada em 01 de dezembro de 1944, contratando um robusto elenco de radioatores, humoristas e uma orquestra própria. Amaral Gurgel entra nesse projeto ainda no ano de 1945, assumindo o cargo de diretor do departamento artístico. É desse período a maior parte das novelas presentes no acervo familiar.

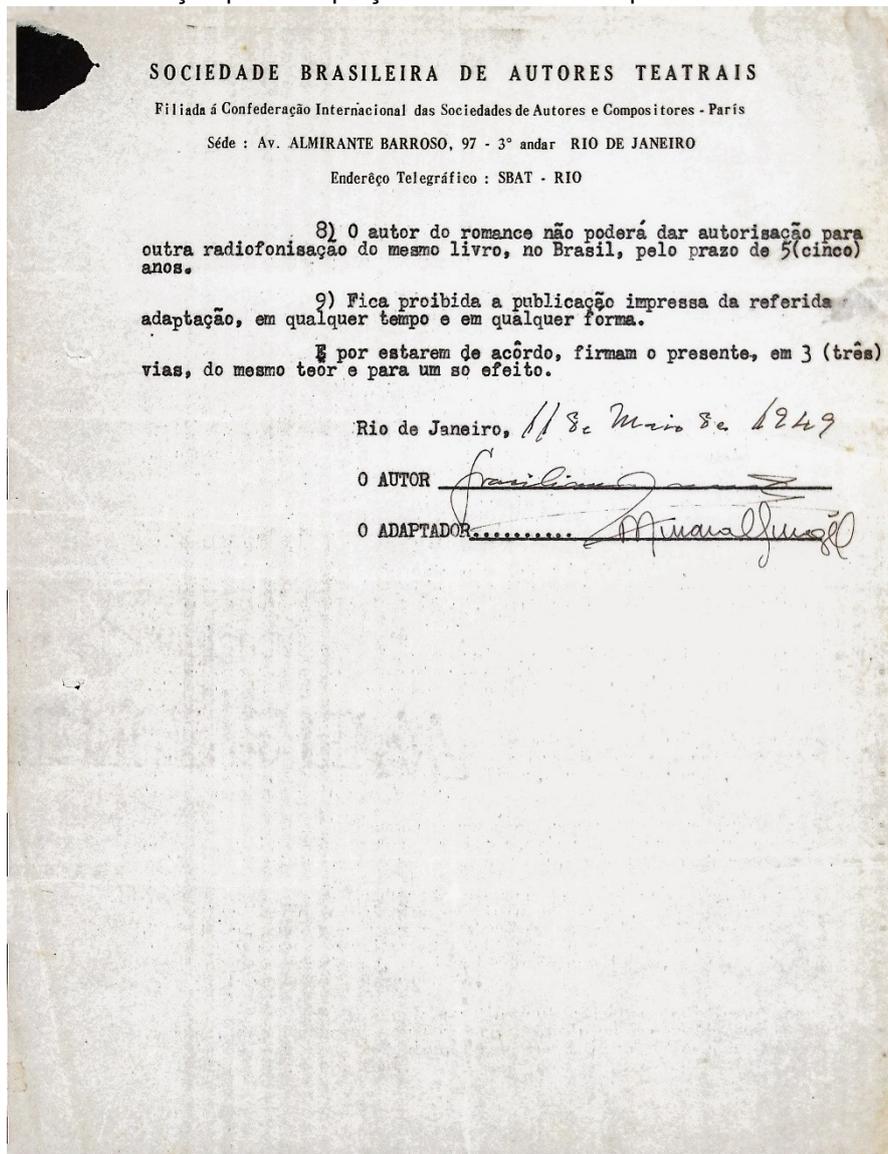
A adaptação radiofônica do romance São Bernardo, de Graciliano Ramos, em 1949, surge com especial destaque como uma aparente tentativa de Gurgel de legitimar a radionovela frente à crítica. Diante da aversão ao excesso de “choro-tiro-facada”, uma adaptação de uma obra já consagrada era uma forma de buscar um prestígio maior para o gênero.

Imagem 6: Autorização para adaptação de São Bernardo para o Rádio - folha 1, 1949.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Imagem 7: Autorização para adaptação de São Bernardo para o Rádio - folha 2, 1949.



Fonte: acervo da família Amara Gurgel, Rio de Janeiro.

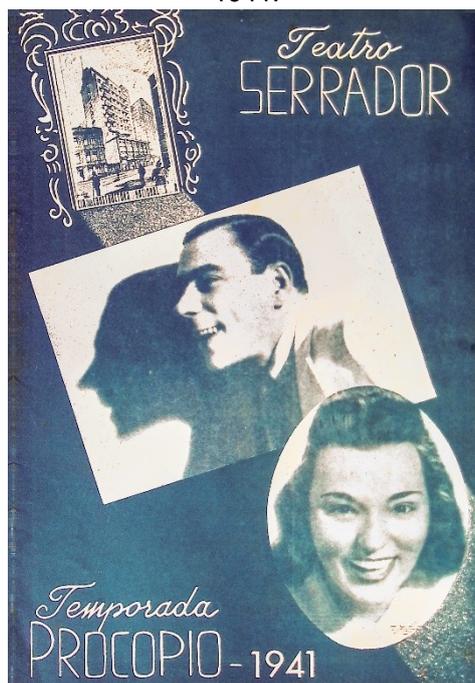
As migrações entre emissoras possuem datas incertas, pois não encontrei as fichas de admissão. O escritor relata que sua saída da Globo se deu por convite do diretor Victor Costa para voltar à Nacional. Lia Calabre indica que em 1953 a Globo realizou uma grande mudança e encerrou o departamento de radionovelas. Essa informação chama a atenção, pois nos anos seguintes tanto a carreira de Gurgel quanto as radionovelas de uma forma geral entrariam em declínio.

De toda forma, sua passagem pela Globo inclui um período de grande sucesso. Em 1951, a Revista do Rádio lançou o concurso “Melhores do Rádio”, com a declarada ambição de ser “o Oscar do rádio” e contando já na

primeira edição com a presença do vice-presidente Café Filho e, na segunda, do então presidente Getúlio Vargas. Era decidido por voto popular e Gurgel recebeu o prêmio de melhor novelista por quatro anos consecutivos, entre 1951 e 1954. Tal premiação surge como mais um indício dos interesses comerciais e políticos que havia em torno do rádio.

Ao longo da primeira passagem pela Nacional, o escritor produziu também algumas peças para o teatro. Uma delas, “Pão Duro”, foi encomendada por Procópio e levada ao Teatro Serrador em 1941, sendo um dos primeiros trabalhos de Bibi Ferreira. O que a obra exemplifica é o modelo de trabalho por demanda adotado por Gurgel e por outros profissionais da época, como Berliet Júnior, Hélio do Soveral e Oduvaldo Vianna. Todos transitaram como roteiristas entre diversos meios no campo da cultura popular. O melodrama surge aqui como elemento comum ao teatro, à novela, ao cinema e aos livros desses produtores.

Imagem 8: Panfleto de Montagem de Pão Duro por Procópio Ferreira no Teatro Serrador - capa, 1941.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Imagem 9: Panfleto de Montagem de Pão Duro por Procópio Ferreira no Teatro Serrador - interior, 1941.



Fonte: acervo da família Amaral Gurgel, Rio de Janeiro.

Em 1943, outra peça de Gurgel estreou no Teatro Regina, a comédia “Gente Honesta”, adaptada para o cinema no ano seguinte pela Atlântida, com Oscarito no elenco. Infelizmente o filme está perdido hoje.

Já na televisão, uma nota na Revista Fon Fon, em 1952, informa que Gurgel foi contratado como produtor pela TV Tupi. No ano de 1964 ele é contratado pela TV Rio e logo sua radionovela Banzo é adaptada para a emissora por Roberto Freyre. Em 1972 vem a que provavelmente foi a sua obra mais popular no meio, chamada “O Tempo Não Apaga”, estreando na TV Record em 7 de março.

A partir de 1965, Gurgel se reaproxima da Nacional, onde passaria suas últimas décadas de atividade. Acredito que esse retorno tenha relação com a morte de Victor Costa em 1959 e o subsequente desmantelamento das Organizações Victor Costa (OVC), liquidado finalmente em 1966. Faria sentido imaginar que, sem o interesse da Globo por suas obras e sem as empresas geridas por seu amigo, a Nacional tenha surgido como um refúgio. O que é importante destacar é que essa Rádio Nacional para onde Gurgel

retorna já não é a mesma emissora que ele havia deixado em 1945. E as radionovelas fazem apenas uma fração do sucesso que costumavam fazer.

Últimos anos e acervo

O declínio da Rádio Nacional começa em meados dos anos 1950 e tem motivos múltiplos. Entre eles, os autores apontam as constantes trocas administrativas decorrentes da conturbação política da época, a investida de grupos privados contra a emissora, a chegada do LP e da televisão e a tentativa fracassada de criar a TV Nacional no Rio de Janeiro. Acredito que todos esses fatores contribuíram para a queda daquela que foi a maior emissora de rádio do Brasil, mas gostaria de me atentar para um outro.

Miriam Goldfeder aponta que paralelamente a esses problemas estruturais, a perda da eficácia simbólica da Nacional foi decisiva para seu declínio. Com a absoluta falta de renovação de seu projeto como um todo, a Nacional teria “deixado de responder às necessidades culturais e psicológicas do público ao qual se dirigia” (GOLDFEDER, 1980) a partir da segunda metade da década de 1950. Nesse ponto, há de se perguntar onde as radionovelas se inseriram em tal processo.

Percebemos, por exemplo, que a novela televisiva teve uma formação bastante diferente da versão radiofônica, não sendo adequada, novamente, uma visão teleológica que indica uma evolução da radionovela para a telenovela com a chegada do novo meio. Não é objetivo deste artigo discutir telenovelas, porém considero importante apontar que a migração bem-sucedida de autores do rádio para a televisão foi um fenômeno relativamente raro. Discutir as especificidades de cada um desses gêneros e o papel que elas podem ter ocupado na dificuldade em tal migração é uma tarefa que ficará para outro artigo.

Em 02 de abril de 1964, apenas um dia depois do golpe militar, o regime trocou a chefia da Rádio Nacional e iniciou o processo de afastamento de sessenta e sete profissionais da emissora, além de colocar outros oitenta e um sob investigação. Como se pode imaginar, tantas demissões, perseguições e trocas de diretoria, em um momento que já era desfavorável para a Nacional, terminaram por acelerar sua desestruturação. Gurgel se mantém na empresa até 1983, quando é enfim demitido.

O que é importante detalhar é o destino do enorme acervo da Nacional. Em 1965 é inaugurado o MIS-RJ, com o acervo pessoal de Almirante, produtor da

emissora. Em 1972 a Nacional doou ao MIS seu acervo de discos, partituras e alguns documentos, que se perderam aos montes nos anos seguintes. Só em 1976 se iniciou um longo processo de levantamento dos materiais sobreviventes, concluído em 1980 com 38.731 discos, 357.987 partituras e 1.302 roteiros de programas. A partir de 1980, a Nacional começa a se empenhar na parte que ainda detinha do acervo, encontrando 5.197 materiais, entre livros, revistas, boletins, discos, fitas, scripts, microfones e equipamentos antigos.

Os autores apontados na bibliografia são taxativos ao afirmar que houve enormes perdas:

Se fizermos uma comparação do material atual com a produção fonográfica da Rádio Nacional, que entre 1940 e 1955, produziu 861 novelas, divididas em 25.513 capítulos e 31.180 programas e peças, percebemos que houve perdas irreparáveis. Hoje, o acervo conta com: 4.230 fitas rolo; 3.508 cd's; 1.781 fotografias; 303 scripts; 4.000 dossiês funcionais; e 4.514 discos de acetato, guardados no antigo prédio da Rádio Nacional. (BRETTAS; LEITE; SANTOS, 2015)

Com a desestruturação da Nacional, muitos funcionários correram para retirar os materiais que viam como seus. Creio que parte do acervo familiar de Amaral Gurgel possa ter vindo desse processo, visto que na lista enviada pela emissora as obras indicadas como “não localizadas” são quase todas as que foram encontradas por mim no acervo familiar.

A Rádio Globo adquiriu seu primeiro gravador em 1948 e são desta época os primeiros trabalhos de conservação arquivística. Tratando-se de um acervo privado, não consegui acessar qualquer lista de seu conteúdo. Em relação às demais empresas em que Gurgel trabalhou, não encontrei vestígios de materiais sobreviventes.

Somando todas as fontes consultadas, foram identificadas 98 obras radiofônicas de autoria de Amaral Gurgel, 92 delas tratando-se de radionovelas, 2 de programas de radioteatro, 1 peça avulsa de radioteatro e 3 ficções radiofônicas em outros formatos. Desse total, 45 foram veiculadas pela Rádio Nacional, 38 pela Rádio Globo, 6 pela Rádio Nacional de São Paulo, 3 pela Rádio Mundial, 2 pela Mayrink Veiga e 1 pela Rádio São Paulo. Em 4 obras não consegui identificar as emissoras. Ao menos uma delas, “A Passageira Sem Destino”, foi veiculada por duas emissoras, a Rádio Nacional e a Rádio Globo. Além disso, foram identificadas 6 peças teatrais, 2 obras televisivas (sendo uma novela e uma peça de teatro televisionada) e 7 livros. Contudo, tenho ciência que ainda há outros trabalhos a serem localizados.

Considerações finais

Procurei neste artigo elaborar as contribuições dadas por Amaral Gurgel ao desenvolvimento dos gêneros melodramáticos no rádio brasileiro, em especial o radioteatro e a radionovela, em consonância com os projetos políticos e comerciais que atravessavam o setor. Da mesma maneira, busco elaborar o declínio da radionovela, em especial na Rádio Nacional, em diálogo com os mesmos jogos de interesse, em outro momento da história do país.

Com a desestruturação da emissora durante a ditadura militar, uma grande quantidade de documentos desse período foi perdida. O acervo pessoal de Amaral Gurgel, preservado por sua família, surge como duplicação do que não se perdeu, ajudando a entender o desenvolvimento das produções desse setor e dos gêneros narrativos que nele floresceram. Em uma perspectiva de futuro, pretende-se depositar todos esses materiais em arquivos públicos e digitalizar uma parte para disponibilização online, contribuindo para novas pesquisas em rádio, novelas, teatro e demais campos. Espero ajudar a elaborar o rico cenário de cultura popular que efervesceu no Brasil através das ondas de rádio no século XX.

Bibliografia

- A GRANDIOSA Festa dos Melhores de 1950. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, n. 92, p. 24-27, 12 jun. 1951.
- A MELODIA da Semana. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 808, p. 21, 22 ago. 1944.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- AMARAL, Rubens. **[Correspondência]**. Destinatário: Amaral Gurgel. [S. I.], 20 set. 1940. Carta
- AMARAL Gurgel é fan do rádio comercial. **Comoedia**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 78, 1949
- ANDRADE, Mario de. **[Correspondência]**. Destinatário: Amaral Gurgel. São Paulo, 21 out. 1936. Carta.
- ANDRADE, Mario de. **[Correspondência]**. Destinatário: Amaral Gurgel. São Paulo, 17 fev. 1937. Carta.
- ANOTAÇÕES Para o Futuro. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1926, p. 5, 15 maio 1952.
- BRETTAS, Aline; LEITE, Bruno; SANTOS, Alexsandro. O acervo da Rádio Nacional. In: **ALCAR - ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 10., 2015, Porto Alegre. Artigo. Porto Alegre: 2015.
- CALABRE, Lia. No tempo das radionovelas. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, **PósCom-Metodista**, a. 29, n. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007.
- _____. **No Tempo do Rádio**: Radiodifusão e cotidiano no Brasil. 1923 - 1960. Orientador: Ana Maria Mauad Souza Andrade Essus. 2002. 277 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.
- _____. **O poder nas ondas do rádio**: a construção do sistema Globo de Rádio. In: Valério Cruz Brittos; César Ricardo Bolao. (Org.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. 1ed. São Paulo: Paulus, 2005, v. , p. 287-305.

_____. **O rádio na sintonia do tempo**: radionovelas e cotidiano (1940 - 1946). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CANAL RR: Rádio, televisão, boate, disco, cinema, teatro etc. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, n. 780, p. 41, 29 ago. 1964.

CANELLAS, Wanessa. **Memórias, subjetividade e afeto nos bastidores do rádio**. Orientadora: Jô Gondar. 2008. 163 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARAVANA AZUL (Teatro Municipal de Araraquara). **Primeiro Festival Artístico Pró-Sociedade São Vicente de Paulo**. Araraquara: 1931. Panfleto.

ELEITOS Pelo Povo e Pelos Críticos "Os Melhores de 53". **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, n. 237, p. 49, 27 mar. 1954.

FREIRE, Rafael de Luna. **Carnaval, Mistério e Gangsters**: O filme policial no Brasil (1915-1951). Orientador: Prof. Dr. João Luiz Vieira. 2011. 509 p. Tese (Doutorado em Comunicação, Imagem e Informação) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2011.

FRÓES, Hélvio. A história de um novelista famoso, Amaral Gurgel: O início de sua carreira vitoriosa. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 29, 18 abr. 1950.

GENTE Honesta: O Cinema PALACIO apresenta hoje a quinta produção da Atlantida. **A Cena Muda**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 20, 7 nov. 1944.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GONÇALVES, Camila Koshiba. **Mistério no Ar**: Primeiros tempos do radioteatro policial no Brasil. Orientador: Prof. Dr. Elias Thomé Saliba. 2019. 206 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019.

GURGEL, Amaral. **Depoimento de Amaral Gurgel para os 40 anos da Rádio Nacional**. Museu da Imagem e do Som: Rio de Janeiro, 1976.

GURGEL, Guilherme do Amaral. **Entre a memória familiar e o arquivo**: Objetos de Memória de Amaral Gurgel. Orientador: Sérgio Luiz Pereira da Silva. 2023. 191 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2023.

GURGEL, José Sérgio; GURGEL, Sergio Ricardo. **Da locomotiva à máquina de escrever**: memórias sobre o escritor Amaral Gurgel. 1. ed. Editora Chiado: São Paulo, 2018.

MACHADO, Assis. **Terra Bemdita**: Drama em tres actos. 1. ed. São Paulo: Coleção do Departamento de Cultura, 1937. 90 p.

MACUMBA NA ALTA. Direção: Maria Basaglia. Produção: Marcelo Albani. Roteiro: Amaral Gurgel. São Paulo: Paulistana Film, 1958.

MIGUEIS, Armando. Amaral Gurgel não gosta de ser ator!. **A Cena Muda**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 6-7, 12 mar. 1946.

MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio**: fragmentos do rádio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA., 1976.

NEM Tudo Que Tem Sotaque É Gringo: Grandes estréias. **A Tribuna**, São Paulo, n. 345, p. 6, 6 mar. 1972

O RIO e as suas Diversões: A verdade que foi ouvidada - o cronista relata-nos uma entrevista de Amaral Gurgel. **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 1014, p. 5, 26 nov. 1944.

O teatro em Casa da PRE 8: Não Julgueis! **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 9888, p. 5, 20 ago. 1939.

PAULISTANA FILM S/A (São Paulo). Marcelo Albani. Autoriza a adaptação de Doutor Sem Canudo para o cinema. **Contrato**, São Paulo, 5 mar. 1958.

PEIXOTO, Sergio. Introdução: Tres Vidas na Nacional. **A Cena Muda**, Rio de Janeiro, p. 16, 12 out. 1943.

PERIGOS nos ares e no mar: Lutando e prosseguindo sempre.... **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 10174, p. 6, 8 jun. 1940.

PR-1 Fon Fon: O rádio e o idioma. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, n. 2338, p. 48, 2 fev. 1952.

PREFEITURA DE ARARAQUARA. **Lei nº 3.508**, aprovada em sessão ordinária da Câmara Municipal de Araraquara em 29 de agosto de 1988. Nomeia Praça Francisco Ignácio do Amaral Gurgel (Duke) o dispositivo de contorno na confluência das Avenidas Maria Antonia Camargo, Luiz Alberto e Rua Maurício Galli. Livro nº 27, Araraquara, 2 set. 1988.

_____. Theatro Municipal. **Temporada Elegante do Grande Actor Procopio**. Araraquara, 2 fev. 1938. Cartaz.

PRISIONEIROS das Chamas. **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 10153, p. 6, 18 maio 1940.

PROGRAMAS Para Hoje: Radio Nacional (PRE-8). **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ed. 6573, p. 8, 29 mar. 1944

RECEBIDOS Pelo Presidente Os Melhores: Se o Povo Escolheu É Porque São os Melhores. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, n. 146, p. 8-9, 24 jun. 1952.

RIO DE JANEIRO, FREGUESIA DE ESPÍRITO SANTO. Sétima Circunscrição, Quarta Zona. **Certidão de óbito**. Registro em: 6 jul. 1988. Certidão registrada às fls 358 do livro n. 292, sob número de registro 20018.

SÃO PAULO. Distrito de Paz do Município e Comarca de Araraquara. **Certidão de Casamento**. Registro em: 22 set. 1937. Certidão registrada às fls. 159 do livro n. 39 de assentamentos de casamentos sob o número 1734.

SAROLDI, L. C.. **Rádio Nacional: O Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SOCIEDADE BRASILEIRA DOS AUTORES TEATRAIS. **Contrato**, 1949. Autoriza a adaptação de São Bernardo como novela Radiofônica. Autorização, Rio de Janeiro, 11 maio 1949.

TÁVOLA, Artur da. Feijoada Sabatina: A demissão de Amaral Gurgel. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 nov. 1983.

TEATRO SERRADOR (Rio de Janeiro). **Temporada Procopio 1941**. Rio de Janeiro, 1941. Panfleto.

TEATRO: "Gente Honesta", o novo cartaz, hoje, no Regina. **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 11441, p. 6, 17 dez. 1943.

TEATRO em Casa: Terra Bem dita. **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 9666, p. 5, 6 jan. 1939.

TEIXEIRA, Rosiane Siqueira. **Associações italianas no interior paulista num espaço partilhado: nacionalismo e italianidade sob a perspectiva da história local**. São Carlos: UFSCar, 2012. p. 201. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, 2011.

TERNURA. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1071, p. 116, 28 out. 1972.

THEATROS. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 25078, p. 9, 11 dez. 1937.

TYS, Helio. Amaral Gurgel já escreveu... Cinquenta Quilos de Novelas. **Radiolândia**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 18-19, 14 ago. 1954.

UMA História que Diverte e Instrue - João Timbira em Redor do Brasil - O Mocinho Cem Por Cento Brasileiro. **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 10167, p. 6, 1 jun. 1940..

Recebido em: 05/02/2024

Aceito em: 25/07/2024